

FÉ, MISTICISMO E TRADIÇÃO: PRÁTICAS DE CURA DE UMA
AFRODESCENDENTE DA COMUNIDADE BURACO D'ÁGUA
(ALAGOA GRANDE – PB)

Maria Regina Alves Dos Reis

Aluna de História - UEPB

Kaline Ferreira Costa

Aluna História - UEPB/Pibic

Josemir Camilo de Melo

Professor História - UEPB

Introdução

Há espaços onde a ciência e o tecnicismo não penetram totalmente, nem muito menos desempenham papel significativo, e o passado continua a servir de referência e dá sentido à vida, mesmo hoje, nesse tempo de incertezas e quebra do concreto transformado em líquido que alguns teóricos convêm chamarem de modernidade. Um desses espaços que se materializa à nossa frente e teimamos em não enxergá-lo é o enigmático e atraente campo das práticas de cura.

As práticas de cura fazem parte da cultura popular e, mesmo com a medicina avançada, há diversas pessoas que procuram esses meios naturais para resolver alguma espécie de moléstia ou problemas afins, seja por meio de chás, de reza com água benta, da “benza” para dor de cabeça, simpatias, dentre outros meios.

Esse tipo de atividade merece atenção especial devido a sua grande importância no campo da preservação cultural de práticas que estão em vias de desaparecer. Existe em seu âmago uma gama de simbologias e signos que nos revelam a grande mistura, por assim dizer, de elementos que nos parecem assimétricos, e, no entanto vivem em perfeita harmonia quando utilizados na prática, e assim permanecendo dotados de sentido. Um exemplo desse hibridismo é a medicina popular européia, onde podemos encontrar elementos celtas, greco-latinos, árabes, juntamente com partes da cabala, da medicina dos mosteiros e outros. Além disso, acrescentam-se também rituais e remédios que vem da medicina indígena e da medicina dos africanos, isto é, elementos banto e nagô.

Nesse sentido, as práticas sociais e a experiência vivida no cotidiano, através da luta e resistência, propiciaram a sobrevivência das práticas culturais no seu cotidiano e da cultura afro-brasileira. Tal processo através das práticas, dos saberes, dos ritos,

símbolos, festas, crenças, praticas de cura, espaços de sociabilidade, e várias manifestações culturais, que lhe dão significância foram tecendo os fios de sua historicidade na contextura social.

Praticas culturais: símbolos e signos da arte de curar

Benzedeiras, rezadeiras, curandeiras. Estas são algumas das personagens que simbolizam ao mesmo tempo uma das maiores resistências às inovações tecnológicas e uma bela manutenção de uma cultura rica em simbologias. Até o século XII, as mulheres desempenharam papéis importantes dentro da instituição da igreja, e muitas mulheres exerciam profissões na área da saúde, tais como: parteiras, curandeiras, benzedeadas, e farmacêuticas. Porém por volta do século XVII foram proibidas de praticar a medicina, e passaram a ser vistas como feiticeiras, a justificativa foi o conhecimento que as mesmas tinham sobre o uso de ervas para a cura de vários males.

Essas mulheres pertenciam a um mundo cheio de mistério e magia. No combate contra as crenças mágicas, os representantes da igreja permitiram que os tribunais da inquisição perseguissem milhares de mulheres, que eram tidas como “bruxas”, muitas foram queimadas em fogueiras, uma vez que acreditavam no poder purificador do fogo, conforme mostra SOUSA:

O combate da igreja ao malefício das feiticeiras não se fazia de forma sangrenta, pois aquela não via a feiticeira como fonte do mal. Seus atos eram supersticiosos, e que nesta qualidade condenáveis, mas não sua pessoa (SOUSA, 2007, p.26)

No caso das benzedeadas, detectamos um conjunto de conhecimentos que são resultado da miscigenação não só étnica como também cultural, já que muitos benzedeados utilizam-se de ervas, e de rezas, do universo africano como indígena. O fato é que esse conjunto de práticas, tão rico culturalmente, não pode ser negligenciado por estudos como os culturais e sociais, até porque tendem a desaparecer, devido a substancial transformação no mundo do trabalho, que vem ocorrendo paulatinamente, embora em processo contínuo, através, sobretudo, das inovações tecnológicas.

O ofício das rezadeiras no contexto das práticas culturais e religiosas, ocupam um papel significativo, visto que essas mulheres, com suas rezas procuram minimizar os males do corpo e do espírito, utilizando o saber popular como o balizador do seu trabalho, em que rezas, chás, banho de ervas, propiciam o alívio a homens, mulheres, idosos e crianças que as procuram. Compreendendo que seu ofício tem sentidos e

significados na comunidade em que atuam, estas mulheres subsistem à discriminação e ao preconceito com relação às suas práticas e cotidianamente empreendem uma função que tanto no viés cultural quanto no religioso são de primordial importância de serem analisados pelo olhar do historiador.

(...) como um modo de curas, (...) como um instrumento de intervenção no processo histórico social, ainda que ela não o faça de forma consciente e crítica. Tal ofício é produzido e reinventado nas estreitas brechas do saber erudito e à sua revelia, quando este tenta impor-lhe a sua visão de mundo como se ela expressassem as necessidades das sociedades em seu conjunto (Oliveira, 1985, p.02).

Nesse sentido, as práticas sociais e a experiência vivida no cotidiano, através da luta e resistência, propiciaram a sobrevivência das práticas culturais no seu cotidiano e da cultura afro-brasileira. Tal processo através das práticas, dos saberes, dos ritos, símbolos, festas, crenças, práticas de cura, espaços de sociabilidade, e várias manifestações culturais, que lhe dão significância foram tecendo os fios de sua historicidade na contextura social.

Utilizando-se de suas tradições e práticas de curas esse povo constrói um saber já teorizado por Michel de Certeau a respeito do saber constituído historicamente. O teórico mostra que o homem vivencia uma historicidade capaz de inventar o cotidiano, não aceitando de forma passiva o saber técnico que lhe é tentado impor. Dessa forma adquirem maneiras, "táticas" de reação às estratégias de controlar e disciplinar. Ao se apropriarem de determinados elementos culturais eles inventam o cotidiano, adquirindo um novo saber. Da África ao Brasil, africanos e afrodescendentes reconfiguraram seus modos de ver e perceber o mundo, através de sua produção religiosa e de suas expressões culturais, que foram singulares em cada região brasileira. Forma-se, assim, um complexo acervo do patrimônio material e imaterial da cultura negra, que visto pela perspectiva educacional, tornou-se rico e educativo.

Os profissionais que exerciam essas práticas tinham sua atuação assegurada pela Constituição de 1891, porém, a partir de 1932, momento em que há a regulamentação da medicina, as práticas de cura entram em declínio, uma vez que a medicina dita oficial passa a condenar sua eficiência.

Desse modo, resta-nos lutar para garantir que atividades como essas não se pulverizem no tempo e no espaço e, de certa forma, este artigo se apresenta como uma

das possíveis ferramentas de luta para tal preservação cultural, tentando demonstrar, por meio de pesquisas e entrevistas, o conjunto de valores que esses rituais apresentam, valores sagrados que retomam os ciclos da natureza para a conquista da saúde e da felicidade, ritual que faz parte de um imaginário popular desde tempos imemoriais, se revestindo de mistérios, símbolos sagrados, rezas, rosários, sal, água benta, cordão e nomes de santos, todo um conjunto de símbolos e signos que envolvem o solo sagrado da casa das rezadeiras.

No nosso estudo de caso, fizemos uso da concepção de história oral de (ALBERTI, 2005), como história de vida, tendo em vista que as narrativas (de Dona Dinda) contribuem para uma (re) leitura das práticas e das memórias dos afros descendentes. Portanto a metodologia utilizada se aplica a análise da memória da depoente. Os depoimentos orais aqui utilizados constituem a principal fonte e recurso metodológico, na tentativa de compreender como se configuravam no cotidiano do engenho Buraco d'água as práticas culturais de afro descendentes. A História oral é como num mosaico que junta passado e presente, as lembranças recolhidas e traçadas na memória resultam em histórias contadas, ouvidas e vividas. De acordo com Verena Alberti:

[...] a história oral é um método de pesquisa [...] que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo. (ALBERTI, 2005, p. 18).

A oralidade nos permite mostrar o “poder simbólico” perante as comunidades que se envolvem com tais tradições, promovendo a manutenção de uma memória coletiva no que diz respeito à cultura da medicina popular. Trazemos à tona seus significados e sua importância, uma vez que não importa o tempo, a classe, a religião, pois para quem acredita a fé, muitas vezes, é mais importante que a ciência e a razão.

Nesse sentido, a relevância e contribuição desse trabalho não se restringem apenas ao mundo acadêmico, ao ressaltar a atuação dessas mulheres na comunidade pesquisada. Estamos dando visibilidade a vozes que ocultadas pela história subsistiram ao preconceito e à discriminação e continuam exercendo sua arte, (re) inventando o cotidiano, que é representado por essas mulheres na sua comunidade, como comenta Certeau: “o cotidiano se inventa com mil maneiras de caça não autorizadas” (CERTEAU, 1994, p.38)

Esse ofício e sua permanência evidenciam a relação entre o indivíduo e o seu grupo social. O uso de plantas medicinais na cura de doenças era algo bastante comum na comunidade de Buraco D'água. São plantas facilmente encontradas, as pessoas as cultivam no quintal das casas, pois se houver uma enfermidade, sabem onde encontrar, pois são plantas também usadas como prevenção de doenças.

No meu tempo não tinha hospital não. O que fazia, era remédio do mato, de folha de mato, cidreira, capim santo. Fazia chá de papaconha, era o maior remédio do mundo, era a papaconha, aguardente alemã. Servia pra trombose, agora o bom mesmo era o café do gergelim, torra o gergelim, pesava, fazia o café, tirava o sumo da hortelã miúdo, curava tudo no mundo. Hoje em dia ninguém quer fazer isso é remédio lá da farmácia, vai atrai né do doutor, mas antigamente não tinha doutor não, pra pobre não, era todo remédio do mato, e tudo era curado (Dona Dinda, entrevista realizada no dia 20 de agosto de 2011).

Sabemos que essas práticas de cura através da manipulação e utilização de ervas foram uma das práticas que foram perseguidas. A perseguição da Igreja, combinada ao poder das classes dominantes, motivou as tensões entre população escrava e senhores. Estas tensões se estenderam e adentraram a República onde os argumentos de superioridade sofreram influências do cientificismo europeu.

As práticas religiosas que não fossem católicas eram perseguidas pela sociedade branca dominante que compreendiam a religião católica como a única e verdadeira religião a ser disseminada, perseguindo qualquer outro tipo de prática cultural religiosa. As práticas culturais afro-religiosas foram bastante perseguidas pois a elite dominante ainda vê a cultura do negro como inferior.

As práticas de cura dessas mulheres remontam as atividades realizadas no período colonial, porém vale ressaltar que não eram todas as mulheres que praticavam esse ofício, estas práticas eram exercidas por mulheres escravas e forras. A historiadora Del Priore (1997) abre espaço para falar de saberes transmitidos oralmente por mulheres curandeiras.

As mulheres e suas doenças moviam-se num território de saberes transmitidos oralmente, num mundo vegetal, cheio de signos e práticas que as ligavam ao quintal, á horta, as plantas, [...] atacando a enfermidade com a vocação de certas plantas consideradas mágicas, as curandeiras davam ao ritual de cura uma dimensão real que era diretamente percebida pela vítima (DEL PRIORE, 1997, p.94-9)

Tão remoto quanto a origem do ser humano, os rituais de cura por meio do auxílio da natureza estão presentes até hoje, e nos remete muitas vezes às divindades protetoras de origem africana, indígena e européia. As imagens de santos que aparecerem grudados às paredes parece querer nos convencer de uma vez por todas do sincretismo religioso existente. Afirmando a existência de práticas de cura por meio de plantas e rezas Dona Dinda relata que quando as crianças ou adultos adoeciam eram levadas para as rezadeiras:

Rezava dor de dente, levei meus filhos tudo, rezei foi muito. Dor de dente era curado com reza, olhado, tudo era rezado dor de cabeça. Eu peguei uma dor de cabeça de resguardo ,mandei rezar minha cabeça ate hoje,não sei o que é dor de cabeça.quem rezava era Chica Belinda, mulher da serra, a finada Inácia toda doença ela curava ,era negra, era preta, nera da África não mas era preta.quando elas rezavam uma doença era difícil num fiar bom,ninguém arrancava dente não só era rezar pronto.Quando era muito perigoso caia com a reza.,ninguém arrancava dente não chica Belinda rezava, **Mãe Felipa rezava, rezadeira, parteira, quem cortou meu umbigo foi ela (grifo nosso)**(Dona Dinda .Entrevista realizada no dia 07/9/12).

O que aprendemos ao tratar desse tema é o quanto a natureza representa para aqueles que praticam a arte de curar por meio de rezas e ervas. As curandeiras recebem o papel de “instrutora” como enfatiza dona Dinda “Mãe Felipa era rezadeira, parteira”, uma espécie de ‘Deusa Mãe sábia’ que possui em si mesma, todas as curas para cada moléstia, precisando apenas que o indivíduo conheça seus segredos e passe a se valer deles. Ao recorrer a esse saber para salvar sua família dos males muitas vezes desconhecidos, era estabelecido uma tática para enfrentar o cotidiano de luta pela sobrevivência. “Levei meus filhos tudo, rezei foi muito. Dor de dente era curado com reza, olhado, tudo era rezado dor de cabeça”. Com essa afirmação, Dona Dinda sedimenta ações como sentir e agir, materializada no ato de benzer. A benzedura vai tecendo sua história fazendo uso de um saber deixado por seus antepassados.

Nesse sentido, existe um elo mítico poderoso que se junta à voz sussurrada da rezadeira. A cadeia simbólica e imagética presente na fala invade o ambiente. Em sua casa ou ao entorno dela explodem em vida quase que sobrenatural o crescimento de suas ervas, cultivadas sob olhar atento e seguindo regras ditadas pelos ciclos da natureza.

Cada planta tem seu papel na promoção e efetivação do ritual de cura, assim como os demais objetos utilizados no processo.

Esta prática secular de cura através de benzimentos, é ainda cultivada por pessoas, em geral mulheres, que residem em comunidades mais afastadas dos grandes centros urbanos, isso denota que há um preconceito com pessoas que praticam esse ofício como também a quem busca solucionar seus problemas por meio dessa prática, sejam eles de ordem física ou emocional. Dona Dinda enfatiza: “quem rezava era Chica Belinda, mulher da serra, a finada Inácia toda doença ela curava ,era negra, era preta, nera da África não, mas era preta”. As rezadeiras em grande parte de sua maioria são mulheres simples, que rezam os males que afligem os outros, vivem afastadas, como a rezadeira Chica Belinda talvez para evitar conviver com os preconceitos da sociedade.

Como explicar a procura ainda existente a meios misticamente alternativos e estritamente naturais de cura em uma sociedade cada vez mais cientificista e tecnológica, pautada em experimentações? De que modo analisar o papel dos curandeiros diante da hegemonia da medicina e da descaracterização do senso comum em relação à saúde? Essas são algumas das perguntas que nos fazemos ao depararmos com um indivíduo que se mantém na posição de ser dotado de capacidades naturais, e, portanto próximo do que se poderia considerar “mágicas”, de devolver a saúde para aqueles que sofrem de algum mal e o procura.

As rezadeiras em grande parte de sua maioria são mulheres simples, que rezam os males que afligem os outros, geralmente são donas de casa, casadas. Essa prática de cura tem um sentido cultural, mas exerce um papel social, Oliveira enfatiza que:

Ela é uma cientista popular que possui uma maneira muito peculiar de curar: combina os místico da religião e os truques da magia aos conhecimentos da medicina popular (OLIVEIRA, 1985, p.25).

Analisar os símbolos que envolvem os procedimentos de práticas de cura é se não resgatar, mas no mínimo lembrar para melhor compreender as características que aqui estão envolvidas e que guardam em suas entranhas fatores culturais de extrema importância.

As práticas de cura geralmente são desenvolvidas por meio de técnicas bastante singulares e conhecimentos específicos de ervas ou outros objetos e orações, aspectos que geralmente são transmitidos de geração em geração. Nesses procedimentos da medicina popular, entende-se que corpo e espírito são inseparáveis e que não há

contradição entre simpatias, rezas e remédios, uma vez que o curador e o paciente fazem o tratamento de acordo com as causas.

Aqui há de se abrir um parêntese para a análise de uma questão bastante singular e que, de uma forma ou de outra, norteia todos os aspectos que envolvem a noção de cura e seus respectivos meios. Estamos falando do papel da natureza nesse processo, ou seja, que lugar ela ocupa na medicina popular e na medicina científica.

O tecnicismo ao qual foi reduzida a medicina ocidental nos últimos tempos, com a separação entre arte e a ciência, nos fazem pensar no quanto a relação do homem com a natureza mudou e interferiu no saber criando duas posições bastante definidas nesse âmbito, onde de um lado temos a medicina popular e do outro a medicina clínica, científica, estritamente técnica.

Na medicina popular a natureza tem o papel principal, e o ser humano apenas utiliza seus inúmeros meios para obter uma resposta positiva. Observemos, então, que há uma noção de respeito muito forte entre ambos, indivíduo e natureza, onde o primeiro, por uma questão até de tradição, se submete e se subjugua ao poder do segundo.

Em relação à medicina científica há exatamente o inverso. A natureza passa para um segundo plano, sendo vista apenas objeto de pesquisa, onde o poder real se encontra nas mãos do cientista médico que, ao invés de apenas conhecer os segredos da natureza e utiliza-los, passa a subjugá-la, experimentando de todas as suas possibilidades e dando novas roupagens a estas, chegando ao ponto de “anular” o papel da natureza no seu processo de conhecimento, já que no discurso oferece-se a coroa de louros às práticas laboratoriais e teses científicas universitárias, e não ao ponto de partida desse caminho, a natureza.

Considerações finais:

Consideramos de suma importância pesquisar sobre as práticas de cura utilizada pelos afrodescendentes, tendo em vista que há um desconhecimento dos valores, expressões e manifestações de raízes africanas. Partindo desse ponto de vista as narrativas formam o principal acervo da literatura oral destas populações, permitindo a transmissão de relatos, nos quais as mulheres podem recorrer a referências espaciais e temporais fundamentadas em testemunhos vivos.

È nesse território de saberes transmitido oralmente, cheio de subjetividade, simbologia e religiosidade que essa comunidade torna-se agente construtor da sua própria história, preservando seus costumes e tradições. Apesar de tantos avanços da medicina, ainda recorrem a esses saberes, em busca de cura para seus males, sejam eles espirituais ou físicos. Desse modo, fica evidente que a religiosidade está associada às práticas de cura.

Embora nossa sociedade tenha um discurso igualitário em seus textos legais, a produção discursiva ainda é insuficiente. Mesmo com leis que garantem e incentivem o estudo da afro-brasileira. Transparece a incapacidade na aceitação do outro, mascara-se o preconceito. Essa realidade não inibe as vozes insistentes se rebelam contra o silêncio histórico. A escrita dessa história guia-se na memória cultural de afrodescendentes que deixam ecoar um grito de liberdade sufocado pelo processo da escravidão que se evidencia em forma de discriminação.

Referencias bibliográficas

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 3ª edição. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. 1 artes de fazer. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

DEL PRIORE, Mary. **Magia e medicina na Colônia**: o corpo feminino. In: História das mulheres no Brasil. São Paulo: Unesp, 1997,

OLIVEIRA, Elda Rizzo de. **O que é benzeção**. Ed. Brasileira, 1985.

SOUZA, Laura melo de. **Cotidiano e vida privada na América portuguesa**. Cotidiano e vivencia religiosa entre a capela e o calundu. São Paulo. Companhia das letras, 2007.